



A construção da imagem nas diásporas do rap latino-americano

Mateus Granja¹

O presente trabalho é resultado da disciplina História da América IV, ministrada pelo professor Dr. Eduardo Ferraz, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte das exigências para obtenção dos títulos de bacharelado e licenciatura em História. Objetivando trazer uma abordagem contemporânea dos assuntos debatidos em sala de aula, utilizarei músicas produzidas durante o ponto de inflexão do gênero rap no Brasil e no México na década de 1990, buscando entender como os artistas deste recorte construíram uma imagem que foi capaz de trazer holofotes à perspectivas que, antes de suas obras, eram invisibilizadas.

Para entender a abordagem que estou propondo, é necessário um debate historiográfico utilizando os autores que trabalham a ideia de imagem. Maria Helena Capelato é uma historiadora brasileira com trabalhos notáveis sobre propaganda política. Em seu texto escrito para a Revista de História da USP, a autora fala sobre a importância da imagem como uma fonte para o historiador, já que em diversos momentos ela foi utilizada como uma ferramenta na construção de identidades nacionais, citando os artistas visuais latino-americanos do início do século XX como principal exemplo disso. Por conseguinte, ao falar os autores que estudaram para entender melhor a relação entre imagem e palavra, Maria Helena Capelato (2005) menciona a importância da imagem na construção de um pensamento e no entendimento de uma ideia. A partir de uma imagem captada pela vista, um indivíduo cria uma linguagem construída tanto por palavras quanto por imagens, com a finalidade de entender sua própria existência². Neste texto, a autora diz:

A imagem de uma obra de arte existe entre percepções: entre o que o pintor imaginou e o que pôs na tela; entre o que podemos nomear e o que os contemporâneos do pintor podiam nomear; entre o que recordamos e o que aprendemos, ou seja, as interpretações são múltiplas. Cada obra de arte se desenvolve atravessando incontáveis camadas de leituras e cada leitor tem que retirar essas camadas para chegar à obra a partir de suas próprias condições. (CAPELATO, 2005, p. 254)

Entendendo essa importância que a imagem de uma obra de arte visual possui, busco entender aqui qual é a importância da imagem que um autor de rap busca projetar na cabeça e no imaginário do ouvinte de suas músicas. Esse debate é ainda mais subjetivo, já que a única imagem visual que o autor consegue passar por meio dessa arte é a capa do seu álbum, todas as outras imagens são construções subjetivas de cada ouvinte, baseado em suas

¹ Mateus Granja é graduando em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuou como bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq na Coordenação de História da Ciência e da Tecnologia (COCIT) do Museu de Astronomia e Ciências Afins e atualmente é mobilizador social no coletivo Frente de Mobilização da Maré, onde atua no combate à insegurança alimentar nas favelas do Complexo da Maré.

² CAPELATO, 2005, p. 254



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

vivências, experiências, vontades e necessidades, a fim de entender sua própria existência. Partirei agora para uma abordagem mais direta das fontes.

O Caso Mexicano

Devido a sua proximidade com os Estados Unidos, berço da cultura hip hop como um todo, o México deu seus primeiros passos no rap ainda nos anos 80. Entretanto, só é possível observar uma ruptura com o *underground* em 1996, quando o grupo *Control Machete* lança seu primeiro álbum chamado *Mucho Barato*. O grupo foi formado por três integrantes da periferia de Monterrey e buscava combinar referências musicais e culturais do norte do México com o hip hop, sendo o primeiro grupo deste gênero a fazer parte do *Avanzada Regia*, movimento musical que contava também com bandas de pop-rock, punk e até mesmo música eletrônica.

Figura 1 - Capa do álbum *Mucho Barato*³.



(Fonte: Gravadora Mercury Records, 1996)

Uma das músicas mais populares do álbum se chama *Andamos Armados*, um dos principais sucessos deste lançamento. Logo no início da canção, é perceptível em seu instrumental referências a canção *No dudas de mi amor*⁴, do grupo *Los Solitarios*, banda tradicional do México que lançou famosas baladas de amor no final da década de 60 e início da década de 70. Esse fator demonstra a tentativa do grupo de Monterrey de resgatar suas raízes mexicanas e fazer uma interpretação própria do movimento hip hop.

³ À direita está o vocalista Fermín IV Caballero Elizondo. À esquerda, Antonio Hernández, também conhecido como Dj Toy Selectah. Entre ambos está o vocalista Patricio Chapa Elizalde, conhecido como Pato Machete.

⁴ LOS SOLITARIOS, No dudas de mi amor. México: Peerless Records: 1973. 1 vinil, lado b, faixa 1



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

A letra, que não economiza no uso de dialetos locais e palavrões, fala sobre um grupo de amigos que toda sexta-feira se encontra para beber cerveja e se divertir sem se preocupar com o barulho, a fim de esquecer de todos os problemas e estresses enfrentados durante a semana. Isso levou os ouvintes que também faziam essas práticas e compartilhavam desse mesmo vocabulário a se sentirem representados pela obra. Dessa forma, fica claro que os compositores buscavam projetar a imagem da identidade do mexicano periférico na mente dos seus ouvintes, possibilitando que estes finalmente se sentissem representados por um movimento artístico.

Por fim, a música ainda conta com trechos como “*Somos lo que somos, aunque no comprendes/ unos mexicanos que controlan el machete [...] Pa' que me detenga no va a ser sencillo/ Esto está empezando sinó ya vale un grillo*” (CONTROL MACHETE, 1996), dando o entendimento de que eles possuem o comando naquela situação e, caso você se oponha, está correndo risco de vida. Esses versos projetam uma imagem de medo na mente dos ouvintes que fazem parte da elite. Por outro lado, para aqueles que faziam parte da periferia mexicana, eles são a afirmação de um movimento cultural no qual quem possui o controle da narrativa são eles, e não há nada que o Estado e as elites possam fazer, mesmo que estes neguem seu acesso a direitos básicos durante a sua rotina normal. Tendo isso em vista, é possível entender que o sucesso desse álbum se deve à construção da identidade do mexicano periférico e a toda representatividade envolvida nesse processo. Aqueles que antes estavam invisibilizados agora possuíam um gênero musical próprio.

O Caso Brasileiro

Assim como no caso mexicano, no Brasil o rap só deixa de ser um movimento *underground* em meados da década de 1990, ainda que já existissem outros gêneros nas décadas de 60, 70 e 80 que falavam sobre os mesmos temas com abordagens similares. O grupo Racionais MC's, formado por quatro jovens da periferia de São Paulo, lançou em 1997 seu segundo disco de estúdio chamado *Sobrevivendo no Inferno*, o principal marco da popularização do rap no Brasil. Em sua arte visual, o álbum traz referências cristãs, contando com uma grande cruz e uma citação ao livro bíblico de Salmos. Além disso, o disco também conta com faixas que fazem citação à bíblia, como Capítulo 4, Versículo 3 e Genesis.

Figura 2 - Capa do álbum *Sobrevivendo no inferno*⁵.

⁵ Ao lado direito da cruz está escrito “Refrigere minha alma e guia-me pelo caminho da justiça. ‘Salmo 23 cap. 3’”



(Fonte: Cosa Nostra Fonográfica, 1997)

Essas referências bíblicas partem da percepção da importância que as igrejas evangélicas possuem em regiões periféricas do Brasil, desempenhando um papel fundamental na ressocialização de dependentes químicos e indivíduos envolvidos no comércio e varejo de entorpecentes ilegais, função que o Estado se recusa a cumprir. Dessa forma, é possível concluir que, mesmo não sendo cristãos, os autores entendiam que a religião faz parte da construção da identidade do brasileiro periférico e que, por conseguinte, era necessário não só construir uma linguagem que projetasse essa imagem na mente dos ouvintes, mas também apresentar uma imagem que fosse capaz de influenciar a forma que essa mesma linguagem é construída e interpretada no imaginário do ouvinte a partir da representatividade.

Apesar da importância dessa linguagem, ela não foi a principal razão do sucesso. Citada anteriormente, a faixa Capítulo 4 Versículo 3 é a que melhor sintetiza as ideias que tornaram esse álbum um dos maiores da história da música brasileira. Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue falam sobre todos os obstáculos que um jovem negro periférico no Brasil da década de 90 tem que superar, vivendo em condições completamente adversas, sofrendo com a violência policial, lidando com as tentações das drogas e da vida do crime, mas se mantendo firme para conseguir sobreviver em São Paulo, ou como os autores sugerem, no inferno. Além disso, a música conta com um instrumental brilhante composto por KLJ que usou referências do *Soul* e da *Black Music* para construir uma atmosfera tensa e agressiva na música. Sendo assim, a música possui uma representatividade absoluta, já que ela projeta na mente do ouvinte a rotina de milhões de brasileiros, utilizando sua linguagem e seus referenciais culturais, musicais e religiosos.

Entretanto, os autores dessa obra não possuíam só esse objetivo. Se, para a juventude negra e periférica, essa música representava e até hoje representa um hino, para os membros da classe dominante a única imagem projetada em suas mentes era de medo, fenômeno que pode ser exemplificado pelo trecho a seguir:



Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal/ Por menos de um real, minha chance era pouca/ Mas se eu fosse aquele moleque de touca/ Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca/ De quebrada, sem roupa, você e sua mina/ Um dois, nem me viu... já sumi na neblina/ Mas não... permaneço vivo, prossigo na mística/ Vinte e sete anos contrariando a estatística (RACIONAIS MC'S. Capítulo 4 Versículo 3. São Paulo: Cosa Nostra: 1997. 1 cd, faixa 3)

O presente fragmento busca não só dialogar com aqueles que praticam esses atos criminosos, mas também alertar as elites sobre o que poderia acontecer com elas caso os problemas citados ao longo de toda a obra não sejam solucionados. Dessa forma, fica claro que o sucesso do álbum se deve as imagens construídas minuciosamente pelos autores, buscando agradar e representar um grupo antes invisibilizado e trazer medo e terror para aqueles que estão no poder.

Deste modo, podemos perceber semelhanças entre o caso brasileiro e o mexicano, sobretudo no que diz respeito a representatividade. Enquanto o grupo Control Machete se concentrou na construção da identidade do mexicano periférico a partir de seus costumes e vocabulário, os Racionais MC's buscavam relatar e denunciar as dificuldades enfrentadas no cotidiano do brasileiro periférico, utilizando uma linguagem marcada por referências culturais e religiosas que fazem parte da identidade deste grupo. Ademais, é possível concluir que, mesmo de modo diferente, ambos os casos foram um sucesso pelo mesmo motivo: abordar uma realidade que já existia, mas não era retratada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPELATO, Maria Helena. **Modernismo latino-americano e construção de identidades através da pintura**. Revista de História 153, 2005.

CONTROL MACHETE. **Mucho barato**. México: Mercury Records: 1996. 1 cd.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra: 1997. 1 cd.

LOS SOLITARIOS, **No dudes de mi amor**. México: Peerless Records: 1973. 1 vinil, lado b, faixa 1

Exemplo de como citar: GRANJA, Mateus. **A construção da imagem nas diásporas do rap latino-americano**. 2023. Disponível em: <https://www.lppe.uerj.br/emmemoriadaaamericalatina>. Acesso em: 09 dez. 2023.